

POEMA DESENVOLVIDO SOB A PERSPECTIVA DE “QUEM CONTARÁ O QUE AINDA NÃO SEI SOBRE MEU LUGAR?”

Este Poema no estilo moderno, ou seja, sem a necessidade de métrica e rima rigorosos, aborda temas que se assemelham a “*Historie de la vie privée*” (História da Vida Privada) desenvolvida pelos historiadores franceses Philippe Airès e Georges Duby e organizada em coletânea pelo também historiador francês Michel Winock, publicada em 1985. O poema aborda a história de São Fernando numa historiografia que ficou conhecida a partir da década de 1980 como Nova História, e trata de temas como: família, infância, sexualidade, intimidade, vida doméstica, sentimentos. Ele é desenvolvido tentando responder à pergunta clássica: Quem contará o que ainda não sei sobre meu lugar?

I

Um rio que silenciosamente corta terras áridas
A vegetação que se resignou em viver na seca
Um povo que escolheu lutar neste espaço inóspito
É com ele que aprendo a história deste lugar.

II

Araújo, Medeiros, Fernandes, Silva, Santos
São sobrenomes de uma gente destemida
Que resolveu investir esforços e sonhos
Com os quais visito a história deste lugar.

III

POEMA DESENVOLVIDO SOB A PERSPECTIVA DE “QUEM CONTARÁ O QUE AINDA NÃO SEI SOBRE MEU LUGAR?”

A aridez climática, o solo pedregulhoso e seco
Nem a dor espelhada em sofrimento
Foi capaz de dissuadir esta gente
De escrever no imaginário a história deste lugar.

IV

Em anos mais longevos por estas chãs de serras
Percorriam em luta de sobrevivência ameríndios caiacós (...)
E como sinal de prova, deixaram inscrições em muitas pedras
São através delas que estudo a história deste lugar.

V

Também não é justo esconder ou deixar de falar
De uma gente do além-mar trazida pelo colonizador
Que nem o clero reconhecia espírito a ser guardado no céu
É com o povo negro que engendro a história deste lugar.

VI

Ao pé de um monte com nome de terra nascente
O Padre Francisco Rafael Fernandes com notória sabedoria
Ergueu uma capela em sinal de fundação
Foi ele quem objetivamente iniciou a narrativa da história deste lugar.

POEMA DESENVOLVIDO SOB A PERSPECTIVA DE “QUEM CONTARÁ O QUE AINDA NÃO SEI SOBRE MEU LUGAR?”

VII

Da gente briosa sucessora dos gentílicos
Fortaleceram os sonhos de emancipação
Apararam as diferenças políticas para concretizar o feito
É com este exemplo que palmejo a história deste lugar.

VIII

A Igreja logo assumiu a vanguarda de ensinar a fé e promover o progresso
Criou o Apostolado da Oração e confiou a leiga Mônica Vale
O padre Celso Cicco, com muita sapiência, organizava as quermesses para girar a economia
São com esses fatos que vislumbro a história deste lugar.

IX

Passados alguns meses da emancipação política
A luta pelo controle do poder floresceu
Personagens dos Medeiros e Fernandes foram os primeiros a disputarem-no
Venceu a Família Fernandes e continuou a escrever a história deste lugar.

X

POEMA DESENVOLVIDO SOB A PERSPECTIVA DE “QUEM CONTARÁ O QUE AINDA NÃO SEI SOBRE MEU LUGAR?”

Muito da história política está guardada nos arquivos da Câmara Municipal

Com fatos absolutamente risíveis: instituição de café mastigado para afastar a tristeza dos edis por ocasião das sessões e licença para cuidar de garrotes, são apenas alguns exemplos

Porém, outros mais edificadores: criação de escolas e postos de saúde, também estão insertos no acervo cameral

É nesta complexidade da ação humana que aprendo a história deste lugar.

XI

Nos anos 60 e 70 a escuridão noturna ostentava o rigor dos costumes conservadores

Mas os buracos das faxinas de maravalhas revelavam a passagem de bolas pretas e lobisomens em várias casas

Em meses subsequentes algumas donzelas evidenciavam a perda do cabaço

É neste cenário de subversão que aprendo a história deste lugar.

XII

Nos anos 80 empurrados pelo fulgor dos hormônios

Varões e varoas entretinham-se com brincadeiras de passa-anel e dança no sarau (soirée) aos domingos no São Fernando Esporte Clube

Daí surgiam as novas famílias a ampliar a sociedade sãofernandense

É recordando estas brincadeiras que perpetuo a história deste lugar.

XIII

POEMA DESENVOLVIDO SOB A PERSPECTIVA DE “QUEM CONTARÁ O QUE AINDA NÃO SEI SOBRE MEU LUGAR?”

Na paisagem urbanística da pequenina cidade
Várias ruas se identificam por nomes de oficiais com patentes compradas
Como meio de fortalecimento de status social e poder manipulador
É com este modo de ação que entendo a história deste lugar.

XIV

Nos anos de ferro com a ditadura militar
Meninos e meninas eram obrigados a renderem diariamente respeito aos
símbolos nacionais na escola
A insurreição pueril era combatida pelos mestres com instrumentos
persuasivos como palmatória, torcimento de orelha, ajoelhamento no
canto da sala...
E foi com medo destes instrumentos que aprendi a história deste lugar.

XV

Não obstante aos meios repressivos e ao pouco ou quase nenhum material
didático ofertados pelos governos nos anos de ferro
As sementes do futuro aprendiam bem ou mal: a leitura, a escrita, as
operações fundamentais e os conhecimentos empíricos gerais de sua
comunidade no primeiro ano de estudo
Não haviam tergiversas, tampouco arguições de síndromes
E era neste contexto que aprendíamos a história deste lugar.

XVI

POEMA DESENVOLVIDO SOB A PERSPECTIVA DE “QUEM CONTARÁ O QUE AINDA NÃO SEI SOBRE MEU LUGAR?”

Em tempos recuados em que cachorros e gatos eram apenas animais
Homens, mulheres e sua prole eram gente
A vida nesta cidade pequenina transcorria com mais definição de seus
rumos, conforme as espécies
E foi nesta clareza que me apropriei da história deste lugar.

XVII

Da escassez surgia invariavelmente o movimento reacionário
Para labutar firme à Terra na Agricultura e Pecuária
Pois nas décadas de chumbo ninguém contava com proteção social
E se aplicava a velha máxima “lutar ou morrer” como livro de história
deste lugar.

XVIII

Na comunicação não se tinha televisão, muito menos redes sociais
Para saber das novidades o canal era um velho rádio de pilhas sintonizado
nos programas Violeiros do Seridó e Forró pela Rural
Utilizava-se escribas para escrever avisos e quadrinhas românticas a serem
lidas pelos locutores
Foi neste cenário de turvação que, ainda assim, assimilei a história deste
lugar.

XIX

POEMA DESENVOLVIDO SOB A PERSPECTIVA DE “QUEM CONTARÁ O QUE AINDA NÃO SEI SOBRE MEU LUGAR?”

Ao edificarem as primeiras estruturas públicas de uso coletivo

A rapaziada se reunia à boca da noite na praça para escutar boas músicas e avisos de interesse local através do serviço de difusora com alto-falante em bocas de ferro instalados em estacas de madeira

Por sinal, alguns bem inusitados por ordem da autoridade, como “aos referidos bodes para que se retirem da cidade”

E foi a partir deste ineditismo que se escreveu a história deste lugar.

XX

Na culinária e na moda tudo muito simples

Comia-se o que a terra produzia e vestia-se de uma muda anual confeccionada em algodão ou volta-ao-mundo

Calçava-se alpercatas e botas de sola bruta feitas por artesãos regionais

Foi com estes estereótipos que se construiu a história deste lugar.

XXI

As estratégias de saúde tinham como pilares a benzeção e chás de raízes

Silvino, Luiza, Zumira, Firme eram alguns dos muitos curandeiros

Não operavam milagres, mas instrumentavam reações pela fé que resultavam em cura

Com este misticismo foi erguida a história deste lugar.

XXII

As diversões da juventude eram por demais criativas e diversas

POEMA DESENVOLVIDO SOB A PERSPECTIVA DE “QUEM CONTARÁ O QUE AINDA NÃO SEI SOBRE MEU LUGAR?”

Iam de corrida de argolinha, futebol em campo de solo pedregulhoso a virar colorau nas pedras do rio

Mesmo perigosas, jamais ninguém reclamava

Pois resultavam de tradições com as quais fortalecia-se a história deste lugar.

XXIII

Com a fé alimentada nos oratórios residenciais

A Semana Santa era guardada com rigor a partir da quarta das trevas até a sexta feira

No sábado de aleluia explodia a alegria com a caça ao Judas

E com este ritual escrevia-se a história deste lugar.

XXIV

As famílias no estilo tradicional com muitos filhos

Não se apartavam, apesar das dificuldades

Cedo, todos tinham que trabalhar para forrar o estômago

É neste modelo que se funda a história deste lugar.

XXV

Zé Pequeno, Miúdo, Buchudo (...) eram apelidos da gurizada

A família que não tinha pelo menos um, fugia à coloquialidade do carinho

Nestas paragens de pés de serras o carinho ortodoxo reina sem choraminga

POEMA DESENVOLVIDO SOB A PERSPECTIVA DE “QUEM CONTARÁ O QUE AINDA NÃO SEI SOBRE MEU LUGAR?”

É neste paradigma que se fortalece a história deste lugar.

XXVI

São Fernando terra presa no coração

Desperta amor nativo a resistir as intempéries

Fixa pé e espírito nascituros antes de ver a luz

É com esta relação inquebrantável que se escreve a história deste lugar.

MAIA, Genilson Medeiros, Poema “Quem contará o que ainda não sei sobre o meu lugar?” Escrita livre direcionada ao ensino aprendizagem através de pesquisas estimuladas aos alunos da rede municipal de ensino.

São Fernando/RN, 04 de agosto de 2026.